

Impactos da crise de 2008 sobre o setor exportador brasileiro

Maria Domingues Benetti*

Economista da FEE

Este texto discute as repercussões da crise financeira mundial de 2008 sobre a balança comercial brasileira, no que diz respeito às variáveis **saldos e fator valor agregado** das exportações. A análise será feita no contexto da trajetória firme que marca a expansão da demanda mundial por mercadorias observada desde 2002 e que abriu oportunidades excepcionais de inserção internacional para a economia brasileira.

1 Os saldos da balança comercial

Com a erupção da crise financeira global no segundo semestre de 2008, reduziram-se dramaticamente os saldos do comércio brasileiro, chegando-se mesmo a atingir valores negativos em janeiro de 2009 e janeiro de 2010. Todavia, observando os resultados dos primeiros trimestres de 2008, 2009 e 2010 e comparando-os com os obtidos em 2006, vê-se que os mesmos já estavam em decréscimo desde o primeiro ano desse triênio. Os valores acumulados em 2008 (antes da manifestação da crise, portanto) e em 2009 representavam, individualmente, apenas cerca de 30% dos contabilizados em 2006, e os encontrados em 2010 não alcançavam 10%. Os dados mensais de janeiro de 2006 a março de 2010 permitem observar melhor o desenvolvimento do processo de deterioração dos resultados da balança comercial ao longo do tempo, comprovando que seu início remonta a abril de 2007 (Gráfico 1).

Sendo assim, trata-se de um fenômeno antecedente à manifestação da crise. Com isso, não se quer negar que a mesma colaborou fortemente para a piora das contas externas, chamando-se apenas atenção para o fato de que, sozinha, não pode explicá-lo. De modo que, além da preocupação com os fatores conjunturais adversos e que estão associados a fatores exógenos à economia brasileira, caberia identificar os fatores internos

que colaboraram para o desenvolvimento desse quadro negativo.

Veja-se inicialmente o comportamento dos índices representativos da evolução dos valores de exportação, de importação e dos saldos do comércio, com início em janeiro de 2006. Desde março de 2007, aproximadamente, observa-se o descolamento da curva representativa das importações com relação à das exportações, revelando, por assim dizer, uma independência relativa da primeira em relação à segunda. De fato, a curva das importações cresce mais quando ambas estão em ascensão e decresce menos quando as duas estão em queda. De uma maneira geral, ao longo do período, aumenta a participação das importações sobre os saldos comerciais de 40% em janeiro de 2006 para 50% em janeiro de 2010. Assim, o dinamismo das compras externas do País surge como um forte componente da redução dos saldos comerciais (Gráfico 2).

De acordo com dados da Secex-MDIC, registrou-se *déficit* na balança em janeiro de 2010 e *superávits*, ainda que pequenos, em fevereiro e março de 2010. Os dados da Organização Mundial do Comércio (OMC), por outro lado, apontam *déficits* nos três meses do ano. Ainda segundo a OMC, as importações cresceram 50% entre março de 2009 e março de 2010, e as exportações, 33%. Quaisquer que sejam as origens das divergências entre as fontes citadas, o fato importante a registrar é que as importações continuaram em forte expansão no primeiro trimestre de 2010.

Veja-se, agora, o comportamento da taxa de câmbio e o das importações a partir de janeiro de 2008, época a partir da qual se iniciou a grande queda dos saldos do comércio exterior brasileiro (Gráfico 3). Constata-se que o aumento das importações esteve inversamente associado, como era de se esperar, à evolução da taxa de câmbio. Isto é, os momentos de crescimento dos fluxos de entrada de mercadorias coincidem com os de queda da taxa de câmbio, movimento este que é enfraquecido quando da elevação do câmbio. Dessa forma, a valorização do real aparece, inquestionavelmente, como um fator explicativo da redução dos saldos comerciais, pesando tanto pelo lado das importações, que são

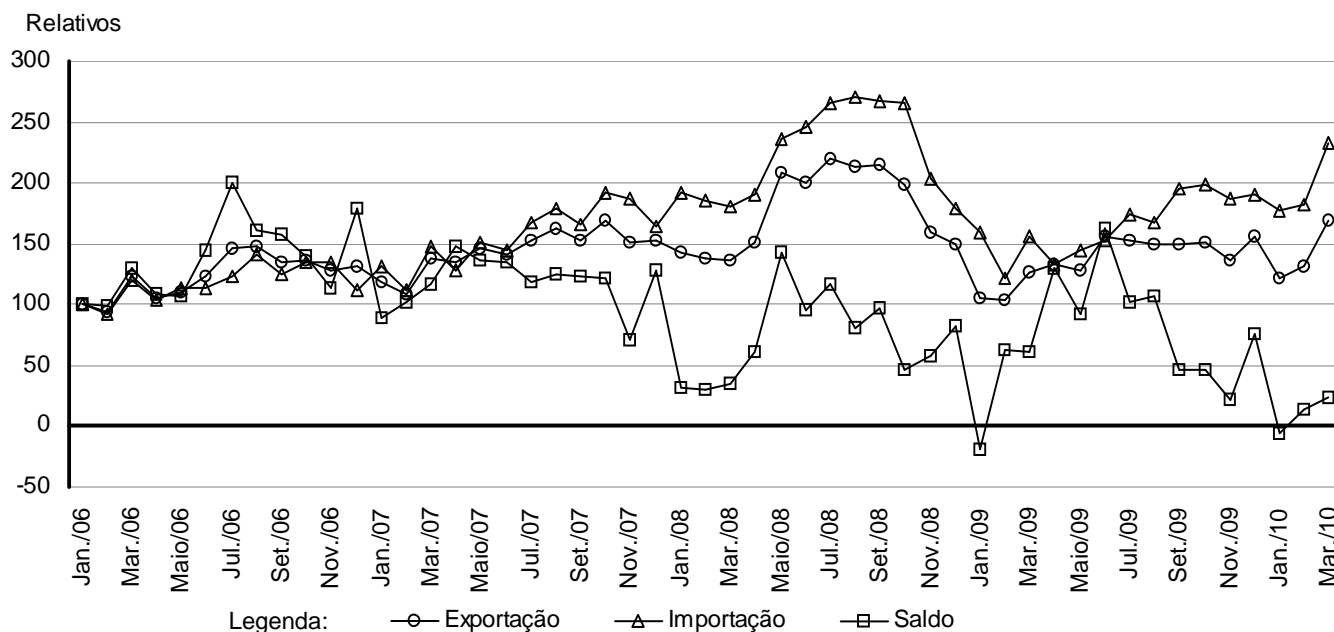
* E-mail: benetti@fee.tche.br

incentivadas, como pelo das exportações, que são deprimidas. E, mantendo-se as condições de mercado e a política econômica determinantes do comportamento passado do câmbio, é razoável esperar que as importa-

ções continuarão a desestabilizar a balança comercial e a exigir um enorme esforço exportador por parte da economia brasileira, cujo sucesso é, no entanto, fortemente dependente do comportamento da economia mundial.

Gráfico 1

Balança comercial brasileira — jan./06-mar./10



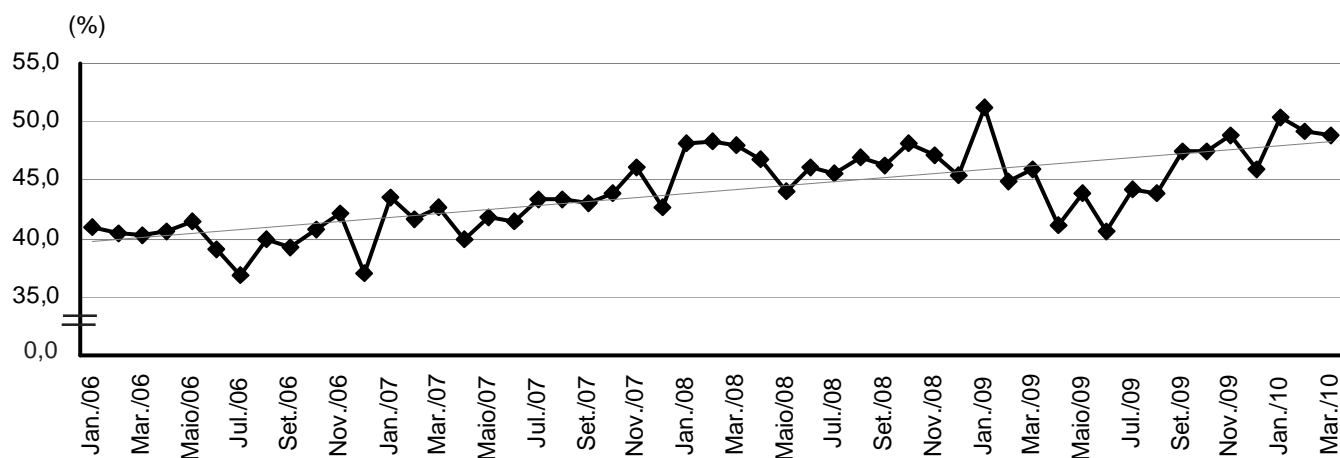
FORNE DOS DADOS BRUTOS: BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio. Secex.

NOTA: 1. Relativos dos valores em dólares correntes.

2. Base: janeiro de 2006 = 100.

Gráfico 2

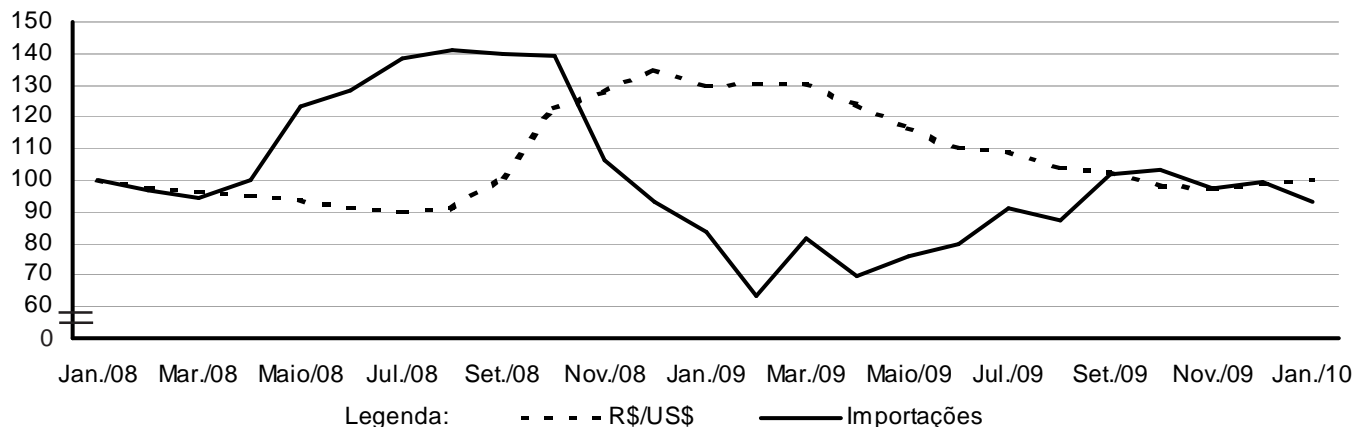
Relação entre o valor das importações e o da corrente de comércio — jan./06-mar./10



FORNE DOS DADOS BRUTOS: BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio. Secex.

Gráfico 3

Relação entre a taxa de câmbio e o valor, em dólares, das exportações — jan./06-mar./10



FONTE: BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio. Secex.
Banco Central do Brasil.

NOTA: Índice-base: janeiro de 2006 = 100.

2 Implicações da crise sobre a estrutura das exportações brasileiras, segundo o fator valor agregado

O segundo ponto que merece destaque é o das implicações da crise sobre a pauta das vendas externas do Brasil, considerando-se especificamente o fator valor agregado. Nesse aspecto, nota-se um claro aumento de participação dos produtos básicos na composição da pauta de exportações. No entanto, tal como foi visto no caso do processo de deterioração dos saldos comerciais, a mudança na pauta exportadora em favor de produtos básicos forma um movimento que antecede a crise de 2008. Veja-se que, em 2007, o peso dos manufaturados nas exportações era de 52,3%, caindo para 46,8% em 2008 e chegando a 44,0% em 2009. Ou seja, houve uma redução de mais de cinco pontos percentuais antes da crise, percentagem superior à do período pós-manifestação da crise, estimada em 3%.

Na verdade, está-se aqui em presença de um processo histórico relativamente consolidado, já identificado ao início da presente década e a respeito do qual já se havia chamado atenção em outra oportunidade

(Benetti, 2006)¹. De fato, a posição dos manufaturados caiu 12 pontos percentuais entre 2000 e 2009, e a dos semimanufaturados, 2,6 pontos, abrindo caminho para os produtos básicos, que aumentaram sua participação na mesma magnitude (14,6%).

É interessante ressaltar que, no grupo dos semimanufaturados, constam produtos como, por exemplo, celulose, couros e peles, açúcar em bruto e alumínio em bruto, os quais agregam pouco valor na cadeia produtiva. O açúcar em bruto, por exemplo, representa 85% do valor em dólar da tonelada do refinado; a celulose, 46% do valor do papel; couros, 15,7% dos calçados; e o alumínio em bruto é o quinto produto de menor valor entre os 12 inscritos na cadeia dos produtos metalúrgicos. O açúcar em bruto, além disso, é a oitava mercadoria mais barata (US\$/T) da lista dos principais produtos exportados, e a celulose registra valores muito próximos aos do açúcar.

Veja-se também que, entre os 11 principais produtos exportados pelo País em 2002 — e que totalizavam cerca de 36% das vendas externas —, se encontravam aviões, automóveis, aparelhos transmissores ou receptores e componentes e calçados, os quais representavam 12,7% do total exportado. Em 2009, ao considerar-se o elenco

¹ BENETTI, Maria D. *Boom exportador: ruptura ou continuidade do padrão de comércio brasileiro*. Indicadores Econômicos FEE, Porto Alegre, v. 34, n. 1, p. 75-88, 2006.

dos 11 principais produtos, só apareciam aviões e automóveis, e em posições inferiores às alcançadas em 2002, compondo apenas 4,6% das exportações. Por outro lado, aumentou a participação dos produtos minerais e dos agropecuários em estado bruto, como minério de ferro, soja em grão e óleos brutos de petróleo. Quer dizer, a perda de posição das manufaturas não se deu, efetivamente, em favor de produtos intensivos em recursos naturais com maior agregação de valor nas respectivas cadeias produtivas.

O aumento do peso dos complexos agroindustriais e minerais nas exportações brasileiras, no período que vai de 2002 ao primeiro semestre de 2008, esteve associado ao *boom* da demanda internacional por *commodities* intensivas em recursos naturais e que eram integrantes das cadeias produtivas de alimentos e de energia. Nesse caso, o crescimento do mercado, em termos do volume físico, esteve acompanhado de um forte e contínuo movimento de elevação dos preços, considerado — pela OMC e em função de sua magnitude, duração e extensão — como o mais importante em muitas décadas.²

Mas é muito importante chamar atenção para o fato de que o Brasil não constitui um caso particular de perda de posição das manufaturas na pauta exportadora. Outros dois países integrantes do chamado grupo BRIC — a Índia e a Rússia — registraram um comportamento similar. No grupo restrito dos países emergentes, apenas a China mostrou um comportamento diferente, ao registrar um pequeno aumento, em termos de valor, das manufaturas no total do seu comércio externo (Tabela 1).

Tabela 1

Participação do valor das exportações das manufaturas nas exportações totais do BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China) — 2002-08

ANOS	BRASIL	CHINA	ÍNDIA	RUSSIA
2002	51,8	89,9	74,5	24,6
2003	51,0	90,6	74,2	24,1
2004	52,5	91,4	71,7	24,2
2005	52,1	91,9	70,7	21,6
2006	49,6	92,4	65,5	19,6
2007	46,6	93,0	62,5	20,1
2008	43,7	92,9	57,6	20,0

FONTE: WTO Statistics Database.

² Tal aumento de preços não esteve unicamente associado ao deslocamento da curva de demanda internacional por bens *commodities*, dependendo também de fatores extra-mercado,

Se esse não foi um processo particular ao Brasil — pois alastrou-se a outros importantes países em desenvolvimento —, então a fase de prosperidade da economia mundial não só não alterou o quadro da tradicional divisão internacional do trabalho entre nações exportadoras de matérias-primas e de manufaturas, como o estratificou ou o re-instalou ou, ainda, o reforçou. Nesse sentido, veja-se que, no ano de 2008, 86,2% das exportações de mercadorias da Alemanha constituíam manufaturas; no caso do Japão, 88,6%; no da Coreia, 86,5%; e no dos Estados Unidos, 74,8%. Já no Brasil, a percentagem era de 43,7%; na Argentina, de 30,6%; na Rússia, de 20,0%; e no Chile, de 12,2%. Dados mais recentes disponíveis para o Brasil, relativos ao primeiro trimestre de 2010, confirmam o quadro desenhado acima para o ano de 2008, pois a participação das manufaturas no agregado das vendas externas foi de 43,8%.

Não é razoável pensar que a partir da crise se interrompa o processo de aumento do peso das exportações de produtos básicos na pauta de comércio brasileira, uma vez que as dificuldades pelas quais passam as economias importadoras as farão aumentar o grau de proteção sobre a indústria doméstica e, assim, privilegiar a agregação de valor dentro de suas fronteiras geográficas.

no caso, a financeirização crescente afetando os mercados das *commodities*, com a entrada cada vez maior de investidores financeiros no mercado futuro de mercadorias (OMC. Trade and Development Report, Genebra: United Nations, 2009).